

A TRAJETÓRIA DE LIMA PENANTE E O ESPAÇO TEATRAL NO AMAZONAS NO SÉCULO XIX

LIMA PENANTE'S TRAJECTORY AND THEATRICAL CONTEXT IN AMAZONAS IN THE XIX CENTURY

**Thais Vasconcelos Franco de Sá Ávila
UNIRIO**

Resumo

Este artigo investiga a produção teatral no Amazonas, durante a segunda metade do século XIX, a partir do caminho percorrido pelo artista paraense José de Lima Penante e sua intensa atividade dedicada às artes da cena. A trajetória desse artista se mistura à história dos primeiros teatros levantados em Manaus. Sua vida conta os alicerces da arte dramática na capital do Amazonas. Portanto, este estudo desenvolve a linha temporal de Lima Penante, destacando suas produções, críticas ao seu trabalho de ator, apresentado em três épocas em que Penante permaneceu em Manaus, de 1867 a 1887.

Palavras-chave:

Teatro; Dramaturgia; Região Norte; Século XIX; José de Lima Penante

O acesso à memória da vida artística, especialmente a teatral, na cidade de Manaus durante o Período Imperial, pode se dar pelos periódicos de circulação local, encontrados na Biblioteca Pública do Estado do Amazonas e na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, aqui em boa parte contemplada com a digitalização e disponibilização em seu *website*. Periódicos tais como o *Jornal do Amazonas* e o *Jornal do Commercio*, dentre outros de tiragem diária, ao lado daqueles especializados como *O Teatro* e *A Platéia*, fornecem a base documental das práticas cotidianas e o registro memorial de espaços, agentes, repertórios e recepção. São ainda muito importantes a documentação institucional provincial, sobretudo relatórios de agentes do Poder Público, e no campo literário, os relatos de viajantes diversos. Obviamente,

Abstract

This article investigates the theatrical production in Amazonas, during the second half of the 19th century, from the path taken by the paraense artist José de Lima Penante and his intense activity dedicated to the performing arts. The trajectory of this artist mixes with the history of the first theaters built in Manaus. His life tells the foundations of dramatic art in the capital of Amazonas. Therefore, this study develops the Lima Penante timeline, highlighting his productions, critical of his work as an actor, presented in three periods when Penante remained in Manaus, from 1867 to 1887.

Keywords:

Theater; Dramaturgy; Northern Brazil; XIX century; José de Lima Penante

pesquisas já existentes, algumas delas advindas de dissertações e teses, publicadas nas últimas décadas, ainda que poucas, auxiliam a tarefa.

Lima Penante nasceu em Belém, a 11 de setembro de 1840, mesma cidade onde faleceu, em 24 de julho de 1892, vítima de ataque cardíaco (SALLES, 2000). Seu pendor pelo teatro pode ter se desenvolvido desde menino, quando de sua provável participação com outras crianças em espetáculos da Sociedade Dramática Particular Philo-Talia (c.1852), criada na capital paraense pelas famílias Meninéa e Baena.

Já em 1859, Lima Penante se encontrava engajado na companhia do ator Antônio Maximiano da Costa, que atuava no Teatro Providência, de Belém, e com ela saiu a excursionar pelo Nordeste.

No Recife o grupo se incorporou à companhia de Germano Francisco de Oliveira, mas Lima Penante permaneceu com outros atores, juntando-se à empresa de Vicente Pontes de Oliveira, casado com uma das mais importantes atrizes do seu tempo, a portuguesa Manuela Lucci (SILVA, 1938). Após semanas em cartaz no Recife, Lima Penante seguiu para a Paraíba, onde fundou com alguns amigos o Ginásio Paraibano, pequeno teatro que precedeu o Teatro Santa Cruz, sobre o qual também se supõe ter participado de sua instalação (SILVA, 1938).

VARIEDADE CÔMICA: PRIMEIRAS APRESENTAÇÕES EM MANAUS

Para sua atividade teatral em Manaus, Penante ergueu o Teatro Variedade Cômica, assumido anos depois como o “primeiro teatro levantado no Amazonas”, notícia talvez amparada por referência contemporânea do ator e seu teatro, já que foi publicado que “há muito que Manaus precisava de um teatro. Essa ideia por fim aconteceu com a chegada do ator José de Lima Penante”.

Em 9 de abril de 1868, o *Jornal do Rio Negro* anunciava com pelo menos um mês de atraso, a chegada de Lima Penante a Manaus, “trazendo um teatro portátil”, o Teatro Variedade Cômica. Ainda no mesmo mês, o jornal publica informações sobre a primeira apresentação no Variedade Cômica e as descrições físicas do teatro e os valores de ingresso.

Na mesma época, através de uma carta particular, o jornal do Rio de Janeiro - *O Jornal do Commercio*, publica uma nota informando a instalação de um “teatrinho” denominado “Variedade Cômica”, em Manaus, sob a direção do paraense José de Lima Penante. O autor da carta sugere ter esperança que a empreitada teatral do Sr. Penante possa despertar na população o gosto por esse gênero de distração.

É para lamentar que o Sr. Penante não tenha tido aquela concorrência, capaz de remunerar os esforços que emprega no seu trabalho, mas estamos convencidos de que ele há de tirar um favorável resultado, se tiver constância em suportar as dificuldades que há de se vencer no princípio de todas as empresas. (*Jornal do Commercio*, 1868).

Não está clara qual a data precisa de sua estreia no Amazonas, mas fontes subsistentes dão como a quarta representação da companhia naquela

temporada inaugural, a ocorrida em 7 de março de 1868. Embora os registros de contagem de récitas só ocorram a partir de abril de 1868, estes sugerem que Penante já estivesse se apresentando em meados de março daquele ano, em Manaus. As apresentações foram sendo dadas de maneira quase contínua, especialmente quando o Poder Provincial decidiu subvencionar a companhia com contrato de cinco anos, lavrado em decorrência da Lei provincial 178, de 6 de julho de 1868.

As práticas de incentivo às atividades artísticas não eram raras em todo o Brasil, apesar de estarem direcionadas para manifestações como ópera e teatro declamado. Há experiências também, na primeira metade do século XIX, no investimento na fundação de bibliotecas e museus.

O ano de 1868 decorreu com inúmeras apresentações da companhia de Penante no Teatro Variedade Cômica, contando com um repertório variado entre dramas, como *Cerração do Mar*, *O Opulento* e *Luiz de Camões*, e cenas cômicas como o requisitado *Inglês Maquinista*, *O Ponto*, *Fui a Paris*, *Ai que chalaça!*, *Por um triz*, *A morte do amigo Banana*, *Depois da festa de Nazareth*, dentre muitas outras.

No dia 23 de abril, em Manaus, Penante apresentou a primeira seleção de cenas cômicas, e, ainda, contou com a exibição da cena dramática *Cerração do Mar*. As cenas cômicas representadas na ocasião eram: “*Que mundo é este?*”, “*Fui a Paris*”, “*O Sr. Bento dos Pintinhos*”, e, para finalizar, “*O Ponto*”. As duas mais elogiadas no jornal Amazonas, no entanto, foram “*Cerração do Mar*” e “*Fui a Paris*”, obras em que o ator Penante mostrou seu talento artístico.

Ainda em 23 de abril publicou-se um artigo no *Jornal do Rio Negro* acerca da importância de Lima Penante e suas atividades artísticas apresentadas em Manaus. Em atmosfera de crítica, o autor do artigo ressaltou as dificuldades dos fazeres artísticos fadados aos onerosos impostos, enaltecendo Penante em suas lutas contínuas da produção teatral. É uma crítica a legislação que impõe a empresa de Penante o tributo de 20.000 réis por cada espetáculo.

Em certa ocasião, Penante contratou músicos para tocarem durante o intervalo das cenas, nos espetáculos apresentados no Variedade Cômica,

a pedido de um assinante do *Jornal do Rio Negro*. Ocorre que na mesma data o Sr. Pingarillo também havia contratado os músicos para tocarem em uma reunião festiva em sua residência, em favor do Sr. Comandante Talismã. Por essa razão, a música foi executada somente nos dois primeiros intervalos, uma vez que Penante não quis prejudicar a celebração promovida pelo Sr. Pingarillo.

Cerca de dez anos, após efervescência do teatro musicado, no Rio de Janeiro, por meados de 1859, a preferência desses gêneros menos sérios também aparece no repertório trazido por Penante para Manaus. Desde o aparecimento do Alcazar Lírico, em terras cariocas, as operetas, canções, duetos cômicos, as paródias e outros gêneros diversos do teatro musicado tomaram todo país e, por isso, modificaram o gosto médio da população que, outrora, dedicava-se a prestigiar as apresentações de teatro sério (FARIA, 2001).

Márcio Páscoa (1997) empreende um estudo da cena musical florescida em Manaus, mesmo antes da época áurea da borracha.

A despeito do que se costuma dizer hodiernamente acerca da movimentação cultural de Manaus neste período da borracha - que ela teria sido incipiente e na melhor das hipóteses medíocre - a cidade viveu intensamente esta época e gozou de avanços significativos que a tecnologia de seu tempo estava a proporcionar. Os bens culturais de que seus cidadãos puderam dispor, ficam equivalentes a tais privilégios, ainda que do elenco reunido nos palcos da capital amazonense não faça parte a constelação desejada e até 'exigida' por muitos dos atuais detratores da Manaus daquele tempo (PÁSCOA, 1997).

É recorrente nas notícias sobre os espetáculos de Lima Penante que os cronistas sentiam necessidade de maior volume de atividades culturais em Manaus, de par com adesão pública aos espetáculos. Frequentemente eram publicadas notas encorajando a população a comparecer no teatro, como mostra esse excerto retirado do *Jornal do Rio Negro*: "É de supor que o espetáculo desta noite seja tanto mais concorrido que o de domingo passado, o qual podemos afiançar sem medo de errar, que foi o primeiro cuja concorrência pode animar o ator". É também registrado nesta nota mais um pedido feito por um assinante do jornal, que se representasse a cena cômica *O Inglês Maquinista*.

VARIEDADE CÔMICA: A SEGUNDA TEMPORADA DE PENANTE

Em 14 de julho de 1868, no *Amasonas*, é publicada a Lei nº 178 - de 6 de julho de 1868. A autorização dada a Penante previa uma quantia de quatro contos de réis anuais, pelo período de cinco anos, com algumas exigências para o decorrer dos anos seguintes ao primeiro. Penante deveria apresentar uma companhia dramática com, pelo menos, oito integrantes; a companhia deveria dar espetáculos por três meses ao ano; durante o primeiro ano se apresentaria no Variedade Cômica e se responsabilizaria pela sua manutenção predial; durante o segundo ano o empresário deveria construir teatro próprio; e, anualmente, deveria ser oferecido um espetáculo em benefício da construção da igreja da matriz.

Penante foi citado na sessão oficial do jornal *Amasonas*, tendo feito uma solicitação de que a subvenção concedida pela Lei 178 fosse liberada para dar seguimento às atividades da companhia. No entanto, apenas em 1869 o contrato foi oficializado e Penante recebeu a quantia prometida pela Lei. A esta altura, alguns dos artistas dramáticos e críticos mais aclamados do restante do país, como Machado de Assis e José de Alencar, já lamentavam a decadência desse estilo de representação, o drama nacional, conforme relata João Roberto Faria (2001) em *Ideias Teatrais: o século XIX no Brasil*.

Penante trouxe, com ineditismo, estilos dramatúrgicos que já não eram os prestigiados pela plateia dos outros lugares do Brasil, como também os estilos que estavam em alta nos teatros do Rio de Janeiro. Tanto os dramas e melodramas e cenas musicadas, quanto as peças de cunho nacional, foram representadas pela companhia de Penante em uma coletânea de estilos que, para a Manaus do século XIX, era novidade, pelo menos no que tangia a produção teatral "profissional". Na última aparição de Penante, no ano de 1868, nos periódicos, foi o anúncio da apresentação do drama *Afronta por afronta*. Assim, Penante encerrou a temporada em novembro daquele ano e retomou atividades em janeiro de 1869.

O Teatro não era utilizado apenas pela companhia de Penante, além das récitas da companhia residente, era utilizado para diversos outros fins da vida pública de Manaus - servia como auditório para

conferências, reuniões de associações e mesmo era emprestado para apresentações amadoras de entusiastas das artes na cidade. A exemplo, em janeiro de 1869, deu-se um empréstimo do Variedade Cômica, cedido por Penante, para a sociedade Atheneu das Artes, para uma reunião sobre questões financeiras do grupo.

O drama *O Opuento*, apresentado no dia 28 de janeiro, repercutiu em uma crítica que elogiou Penante pelo seu desempenho, mas o julgou pela falta de variações em seu repertório, que a esta altura começava a se repetir. A apresentação contava com as composições do Sr. Torres e execução na flauta de Goulart. No entanto, a despeito do repertório pouco diverso o teatro achou-se “matematicamente cheio”, como informa o autor da nota. A notícia das repetições de repertório na companhia de Penante repercutiu na publicação da *Semana Ilustrada*, revista do Rio de Janeiro, através de uma carta assinada pelo Sr. Pereira Guimarães.

A mesma folha dá notícia de um espetáculo, em que aparece ter brilhado um ator Penante. Depois observa ‘o ator Penante, como sempre, foi aplaudido em seu trabalho, e sentimos, que ele não tenha em seu repertório algumas composições novas, que certamente muito mais realçariam do que aquilo que já está visto’. A notícia termina assim: A sala e camarotes estiveram matematicamente cheios (*A Semana Ilustrada*, 1869).

É, de fato, penoso para uma companhia de artes dramáticas renovar seu repertório com maior rapidez, dada a frequência de apresentações. É o caso da empresa de Penante que, ao que parece, foi uma das poucas que desempenhou um papel de divertimento para a população e, ainda, o fazia pelo menos duas vezes por semana.

Havia, também, um outro obstáculo para esse tipo de companhia teatral – a matéria prima dos espetáculos: o elenco. É sabido que Penante havia trazido de suas viagens alguns atores forâneos para sua companhia, mas esta também abrigava atores locais – muito provável que sem estudo de formação teatral, contando apenas com a rasa experiência e o diletantismo dos amantes das artes. Até porque o ensino das artes do Brasil era ainda incipiente mesmo em cidades de maior circulação de artistas, como é o caso do Rio de Janeiro. Mesmo na década de 1860, havia sido registrado em artigo, por Joaquim Manuel de Macedo, o desejo de criação de um conservatório

dramático para o aprimoramento dos artistas já engajados no teatro e para a formação de novos artistas que viriam compor os corpos artísticos brasileiros (FARIA, 2001).

A dificuldades de formação artística no Amazonas não estavam em discordância com o Rio de Janeiro, que até então era a referência de efervescência cultural. Talvez a dificuldade de encenar novos trabalhos, semanalmente, se desse pela inexperiência dos atores, somada à falta de tempo hábil para os ensaios e ainda a dificuldade financeira que, desde a época de Penante até os dias de hoje, acompanha inúmeras companhias de teatro por todo o mundo. A próxima aparição de José de Lima Penante nos periódicos amazonenses informava sua chegada pelo Vapor Belém. Em seguida, anunciou-se a estreia do drama *Trabalho e Honra*, no Variedade Cômica.

VARIEDADE CÔMICA: A TEMPORADA DAS CRÍTICAS

No dia 14 outubro de 1869 foi anunciada a estreia de *Ghigi*, como sexta récita da assinatura do segundo semestre do ano. Este drama, em cinco atos, foi apresentado pela primeira vez e contava, ainda, com composições musicais de F. Gomes que apresentou uma abertura executada pela orquestra.

No *Jornal Correio de Manaós* foram publicadas duas críticas acerca do espetáculo Ghigi, apresentado pela Empresa Penante e de autoria de Gomes do Amorim. Uma delas marcou a aparição da coluna intitulada “Piparotes Theatrais” que, apesar de não ter se prolongado por muitas edições, foi um importante evento do exercício crítico para a história do teatro no Amazonas. Mesmo descontinuada, após a terceira edição, a coluna proporciona ao leitor um outro olhar acerca das atividades dramáticas de Lima Penante, não apenas vista pelo viés encantado dos cronistas, mas também sujeitas a duras críticas de seu trabalho.

Moço de algum talento para o teatro, não sei bem explicar no que desagrada na execução de seus papéis. Presumo que seja o mau hábito que tem adquirido em exagerar tudo – e de nada estudar, – falta que mais o distingue entre os seus companheiros. O senhor Penante não deve ser tão vadio e exagerador. (*Correio de Manaós*, 1869).

Em uma página ocupada quase que em sua totalidade à atividade teatral, foram publicadas duas críticas e mais um anúncio da próxima récita

de *Ghigi*. A primeira crítica, de caráter mais sério e analítico, cujo título que encabeça o artigo é “Chronica Theatral”, faz uma descrição detalhada dos acontecimentos em cada ato e discorre sobre o desempenho dos atores. Chamou a atenção do público que se comportava com indiferença mesmo diante momentos de êxito na interpretação de Penante – que atuava no papel de Antônio Ferragio. Enquanto elogiou a caracterização da Sra. Dona Rosinha – que interpretava Ângelo, o autor da crônica criticou o desempenho dos senhores Gil e Augusto, que apesar de trabalharem regularmente, os papéis se mostraram fracos. Por fim, o crítico tornou a repreender a frieza com que a plateia se comportou e falta de público presente na récita. Ele arrematou sua coluna lamentando que pouco se valorize tanto esforço da companhia teatral para realizar seu ofício.

Isso nos deixa algumas questões em aberto. Mesmo diante uma companhia profissional o público parecia impassível. Seria essa atitude uma decorrência do pouco hábito que os manauaras tinham, até aquele momento, de frequentar o teatro e ainda uma dificuldade em apropriar-se desta linguagem, ou das dificuldades do próprio Penante em manter a qualidade cênica e dramática destes espetáculos?

Os “Piparotes Teatrais”, assinados por Dougaldst, já em sua primeira publicação, distribuiu para toda a companhia de Penante seus “piparotes”, que por sua vez, são pequenas “cutucadas” ou “alfinetadas” naqueles que participavam do fazer teatral da cidade de Manaus. Para o crítico, Lima Penante precisava se dedicar mais a estudar o ofício de ator. Para os demais atores e atrizes da companhia as críticas permaneciam no mesmo nível da de Penante. Interpretações, vozes agudas demais, força cênica, nada lhe escapa. Arremata a coluna pedindo que uma das atrizes pusesse mais capricho na higiene.

Na mesma edição de estreia dos “Piparotes” saiu mais uma leva de críticas ao trabalho de Penante, na coluna “Chronica Theatral”, que falava da segunda apresentação do espetáculo *Ghigi*, criticava a interpretação do ator que desempenhava o papel protagonista do próprio Ghigi e elogiava o papel de Nicolinha, que, segundo o autor da crítica, representara com expressão. Dougaldst continuou a distribuir seus piparotes,

através de críticas e indagações aos atores da companhia. Desta vez, Dougaldst enfatizava o talento de Penante para a comédia e a ausência de qualquer propensão para o drama. De forma geral, o conselho é que o ator estudasse melhor as técnicas de interpretação teatral.

Penante foi considerado, pelos críticos locais, um artista esforçado, mas que deveria ter se dedicado mais aos estudos. Apesar de ser ainda escassa ou quase inexistente a presença de conservatórios e escolas, essa cobrança aparecia com frequência nos comentários tecidos pelos apreciadores do teatro, que viam em Penante certo talento, mas, ao que parece, ansiavam por apresentações com novas técnicas de representação que refletissem mais dedicação aos estudos da cena.

Uma grande comoção se apresentou a respeito da apresentação da peça “O médico das crianças”, encenada na noite anterior no Variedade Cômica. Um tosco desenho, entre divertido e ao mesmo tempo fúnebre, de um esqueleto encabeçava a coluna “Comunicado”. Logo abaixo do desenho, o subtítulo: “Enterros Theatraes” – o que vem a seguir é uma escrita carregada de ironia comparando as apresentações da companhia de Penante com um velório. O autor da coluna-obituário faz uma analogia cruel, relacionando o trabalho da Companhia de Penante a um enterro, cujos Coveiros eram os atores e o cemitério era o próprio Teatro Variedade Cômica, e ainda acrescenta a quantidade ínfima do público que se fez presente.

Na sequência desta coluna, apresenta-se o autor da sessão “Chronica Theatral”, na qual o cronista pede desculpas por não enviar sua crítica do *Medico das Crianças* e a promete para o próximo número do jornal. Ele dedica seu espaço no periódico para censurar severamente as opiniões adversas da coluna “Piparotes Theatraes”, mesmo que defenda seu apreço pela escrita de Dougaldst.

O autor condena o fato de que as pessoas das quais se falam nas críticas não admitam suas falhas – ele se refere a companhia de Lima Penante, a única que recebeu comentários de Dougaldst. O Chronista finaliza sua coluna “votando ao desprezo os argumentadores de circo, que me são indiferentes, quando não me causam pena”, levando o leitor a crer que Dougaldst e O Chronista são a mesma pessoa e que ele não vai permitir que ataques externos o impeçam de publicar sua coluna satírica.

Para fechar a sessão de críticas desta edição, os tão temidos “Piparotes Theatraes”. A companhia de Lima Penante foi novamente bombardeada pelos comentários nada sutis acerca do trabalho desempenhado por eles com o mesmo espetáculo *O Médico das Crianças*. Mais direto do que já fora anteriormente, Dougaldst sentenciou: “A companhia em geral foi mal, poucos sabiam bem seus papéis e alguns até queriam falar ao mesmo tempo...!”. Além de permanecer com o conselho, já oferecido anteriormente, para que os atores estudem melhor as técnicas de interpretação e seus papéis, o autor sugeria que Penante encene textos como *Judas em Sábado de Aleluia* e *O Juiz de Paz na Roça*, ambos de Martins Pena.

As comédias de Martins Pena eram aclamadas em grande parte dos teatros do país, a despeito das tentativas dos autores do romantismo que davam maior importância aos gêneros dramáticos que transitavam entre o drama, o melodrama e as tragédias. Para Faria (2001), Pena foi o autor que de fato conseguiu englobar os aspectos da cor local sobre os costumes brasileiros em suas comédias, muito mais que os dramas nacionalistas que eram encenados nos teatros cariocas. Esta preferência do autor da crítica a Penante nos leva a crer que, mesmo distante geograficamente, o Amazonas estava em sintonia com o gosto popular do restante do país.

Na mesma edição de 22 de outubro há um anúncio da nona récita de assinatura da companhia de Penante - o drama *Justiça* e as cenas cômicas *Ai, que chalaça!* e *Pequenas Misérias*. Ao fim do informativo, os seguintes dizeres: “Por falar em - PEQUENAS MISÉRIAS - ora verão no espetáculo, que não é tão mal como dizem” .

Trocas de farpas entre Penante e os críticos teatrais refletiam a pungência da cena artística da cidade e mostravam, mesmo anos depois, a relevância daqueles acontecimentos cotidianos para a construção de uma cena dedicada ao teatro em Manaus. Com direito a muitas temporadas e suas respectivas críticas publicadas em veículos de comunicação de fácil acesso à população. As confusões teatrais eram de interesse da população, e, talvez, servisse também como forma de entretenimento da sociedade amazonense.

Em mais um trecho, publicado no jornal *Correio de Manaós*, Lima Penante e sua companhia recebem o

conselho para que estudem mais sobre seu ofício, referindo-se diretamente ao ator Nogueira, que segundo o autor do folhetim, arregalava demais os olhos para as cenas cômicas. Aconselhava: “devia melhor estudar e compreender seus papéis”.

Esta crítica é assinada por O Pacheubas, que no início do texto afirma ser o soldado nº 29. Ao longo do Jornal, além de críticas ao trabalho de Penante, ele abordava diversos assuntos e se comunicava diretamente com as “amáveis leitoras”. A década de 1869 findava com a notícia da apresentação do drama em cinco atos, *O Cego e o Corcunda*, na noite do dia 3 de dezembro. O redator ressaltou que a plateia se conservou plácida e sensata.

A década de 1870, por outro lado, iniciou-se com fortes acontecimentos na carreira de Penante. Em janeiro de 1870, aparece uma resposta à censura feita pelo Jornal do Commercio, referente à apresentação do dia 25 de dezembro e aos gastos da companhia subsidiada pela Fazenda Provincial. Na defesa de Penante, o *Amasonas* explicava o quão oneroso pode ser a manutenção de uma companhia e, ainda, o legítima ao afirmar que não somente foram apresentadas apenas quinze récitas, como estava previsto em contrato com a Província, mas vinte e cinco apresentações foram entregues à população. Sobre o elenco, o determinado pelo contrato com a Província era o número de oito artistas na companhia, porém Penante conseguira contratar um total de doze pessoas. O artigo findou com um pedido para que os colegas do outro jornal sejam mais razoáveis em suas críticas para não serem injustos com o artista tão empenhado.

À medida que o espectador amazonense se acostumava com a efervescência do entretenimento teatral, mais exigente se tornava e clamava que a variedade dos espetáculos crescesse com mais rapidez. Lima Penante esforçou-se para dar ao seu público variedade nas encenações que ele preparava com sua companhia. Além do elenco maior do que era exigido em contrato com a Província, ele já havia ultrapassado o número de récitas que se comprometera. Mesmo assim, era alvo de críticas e sofria de um lado pelas indelicadezas e perseguição de alguns jornalistas, e, por outro, era criticado pelos espectadores que sempre exigiam novas peças, cenários exuberantes e, claro, a música que embalava as cenas teatrais.

Todas essas demandas precisavam ser subsidiadas pelo orçamento que a Província dispunha, uma vez que a bilheteria sempre seria uma incógnita e, portanto, não é uma receita que se pudesse contar para todas as despesas da companhia. Ora, pensemos que a Manaus deste período contava apenas com o Theatro Variedade Cômica e algumas poucas festas populares como divertimento e lazer público. Tanta demanda e falta de opção por certo esgotavam os limites da companhia de Penante. Seria impossível, para apenas uma pequena companhia, absorver uma quantidade tão grande de variedade e exigência na qualidade de seu repertório, contando aí com o tempo de processo de construção de um espetáculo e a necessidade de apresentações quase diárias daqueles já constituídos. Supomos como heroicas as atividades de Penante e seu grupo - tendo que variar semanalmente seus espetáculos para uma plateia que lhe procurava como uma das poucas opções de lazer.

Os integrantes da primeira temporada foram em parte artistas locais cujos nomes permaneceram vinculados à vida da cidade, mas Penante trouxe mais artistas de fora, o que em muitos casos também acabou por fixar ainda mais artistas ao contingente local. Nesse caso, estava Augusto Lucci (irmão da célebre atriz Manoela Lucci), que ficou em Manaus, organizou companhia própria e passou a dar espetáculos a partir de 24 de abril, num novo espaço, o Teatro Fênix, inaugurado nos festejos de carnaval daquele mesmo ano.

Em janeiro do mesmo ano, a empresa Penante deu um espetáculo em benefício de Augusto Lucci. Tragicamente, Augusto Lucci morreu no naufrágio do navio Purús, abalroado pelo barco Arary, perto de Manaus, em 8 de julho de 1870. Penante, entretanto, não terminou o ano de 1870 em Manaus, embora tenha celebrado um contrato de cinco anos com a Província. Um dos possíveis motivos da sua partida precoce pode ter sido em decorrência da censura feita pelo *Jornal do Commercio*³, sobre a quantia subvencionada à sua companhia, já supracitado anteriormente.

THEATRO BENEFICENTE: 1877

A intensificação de suas digressões entre Norte e Nordeste, na década de 1870, com a bem-sucedida passagem pelo Rio, em 1875, também mostram outra estratégia do ator e dramaturgo:

as publicações de cenas isoladas em periódicos das cidades por onde se apresentava *Um concerto de rabeça e realejo*, publicado no Recife em 1874, e *Rocambole*, que foi publicada em Manaus pelo *Jornal do Amazonas* em 26 de maio de 1877, são alguns exemplos hoje localizáveis⁴. Mas há pelo menos uma dúzia de cenas ou peças de um ato atribuídas a ele por diversos periódicos de ambas as regiões, que estão sem identificação de publicação, lugar, e até mesmo data de registro.

Mesmo com o sucesso de centros maiores, Penante não parou de se envolver com as comunidades por onde passou. Isso lhe valeu a fama de pioneiro em muitas localidades, fosse no litoral nordestino, fosse nas cidades do médio Solimões, como Santarém (Teatro Conceição, 1877) e Óbidos (Teatro Bom Jesus, 1877), ambas no Pará. Pouco depois, Lima Penante surgiu novamente em Manaus, estreando-se no Teatro Beneficente, em maio de 1877. Penante retornou em julho e ficou mais tempo a partir daí. Os anos seguintes, mesmo com a parcial ocupação do Teatro Beneficente por grupos forâneos, viram outros grupos locais em desenvolvimento. São mormente artistas vindos nos últimos anos que se juntam com os locais, como foi o caso dos fundadores da Associação Dramática Amazonense.

Em maio de 1877, o *Jornal do Amazonas* apresentou uma cena cômica de Lima Penante com o aviso que nas seguintes edições publicaria as outras que haviam sido enviadas pelo artista. Na ocasião, o texto publicado era o intitulado *Rocambole*, enviado com outros sete exemplares de cenas cômicas da autoria de Penante. Além de ter enviado a redação do *Jornal do Amazonas* suas dramaturgias cômicas, também enviou uma cópia da coletânea de poesias escrita por diversos admiradores de Penante na província do Rio Grande do Norte. Segue um pequeno trecho de *O Rocambole*:

Hoje tudo é Rocambole! Até já se come a Rocambole!
Exemplo: sujeitinho que vive à custa alheia e que gosta muito de passar o dia em casa de amigo, sem que este ao menos tenha feito anos, e que não contente em comer devorantemente (sic), faz trinta mil saúdes sob pretexto de... beber! - é Rocambole!
(*Jornal do Amazonas*, 1877).

Em 26 de agosto de 1877, o espetáculo *FFFF & RRRR*⁵ deixou de ser apresentado por ter sofrido censura da parte do chefe do departamento de polícia. Previamente avisado, o artista Penante

não deveria exibir nenhuma peça que não tivesse passado pelo crivo do chefe de polícia interino, e o senhor Penante estava sem razão de reclamar a censura feita antes do espetáculo ser apresentado. Penante retrucou ao aviso que lhe foi dado, informando que as peças que seriam apresentadas já haviam recebido o visto de chefes de polícia de outras províncias. O provável motivo da censura da obra estava em uma referência que Penante fazia ao orifício da porta, segundo o jornal “palavras e gestos haviam dado sentido ofensivo da decência e moral, o que era contra a letra do regulamento”. Além do motivo anterior, constava também uma referência jocosa de que Penante havia feito sobre a procissão de santos.

A companhia que estava sob direção de Lima Penante e Helena Balsemão apresentou, em comemoração à independência do Império, o espetáculo *Beijo de Judas* – consta que a concorrência havia sido enorme nos dois dias de apresentação, no sábado e no domingo, tendo muitas pessoas voltado para casa em razão da bilheteria estar esgotada. Ainda sobre a representação, o autor da nota arrematou com os dizeres: “desempenho das peças exibidas esteve ótimo, pois todos os artistas, ao contrário do que muitíssimas vezes sucede, fizeram seus papéis com desembaraço”.

Em dezembro de 1877, a direção do *Jornal do Amazonas* passou a ser feita pelo partido conservador e esta talvez seja a razão da interrupção de publicações de cunho artístico. Penante só retorna a ser noticiado nos periódicos do Amazonas em sua última excursão à província, em 1886.

THEATRO BENEFICENTE: 1886 E 1887

Sua última excursão a Manaus, para uma larga temporada entre 1886 e 1887, foi quase certamente a última atuação fora do Pará. Sua chegada foi precedida de temporadas que o Teatro Beneficente assistiu com alguns dos maiores nomes do teatro no Brasil, e que estiveram com Penante em anos precedentes. Primeiro, passou por Manaus, em 1884, Xisto Bahia com seu grupo, e no ano seguinte Manuela Lucci, ambos dispersos pela morte de Vicente Pontes de Oliveira, em 1882.

O grupo de Lima Penante e Helena Balsemão, sempre com elementos locais, iniciou funções

em outubro de 1886 e chegou às portas de maio de 1887, sendo quase certamente o último a se apresentar no Teatro Beneficente, que seria desmanchado por ter sido negociado o seu terreno para que a sociedade lusitana erguesse o seu almejado hospital em terreno maior e mais distante.

O segundo semestre de 1886 teve intensa atividade artística no Teatro Beneficente por parte da companhia do artista paraense. Iniciando em outubro daquele ano, a companhia dramática de Lima Penante e Helena Balsemão apresentaram-se inúmeras vezes no teatro da Sociedade Beneficente Portuguesa. Entre comédias, dramas e operetas, destacou-se a paródia de *La Traviata*, apresentada em dezembro de 1886 e cujas críticas no *Jornal do Amazonas* ovacionaram a encenação, anunciando o “excelente desempenho que apreciamos no Pará”.

Nesta última temporada em Manaus, a empresa de Penante e Balsemão apresentou, em dezembro de 1886, espetáculo em grande gala para a comemoração do aniversário do imperador do Brasil, exaltando também a comunidade portuguesa por razão da comemoração da restauração de Portugal. Para esta data solene, a companhia apresenta o drama *O Filho do Povo*, espetáculo inspirado nas lutas dos direitos populares “contra opressão e tirania”, da autoria do escritor português Salvador Marques.

Em janeiro de 1887, a companhia dramática de Lima Penante e Helena Balsemão apresentam a última récita de um drama bem-sucedido em todo o Brasil e em Portugal, *O Paralítico*. E esta foi a última aparição da companhia de José de Lima Penante, no ano de 1887, no território do Amazonas. Depois disso, Penante recolheu-se a Belém, onde continuou com intensa atividade, agora principalmente como diretor de cena, quer no Atheneu Commercial, quer no Teatro Chalet ou no Teatro Circo Cosmopolita, com o qual sempre teve estreitos laços. Ainda em 1889, na sua terra natal, distribuía, ele próprio, volumes de mais uma coletânea de sua obra, destacando-se *A Revista de 88 - uma viagem por mar e por terra*. Em 1890 publicou uma versão de *O Filho do Povo*, drama socialista que ele havia executado muitas vezes antes, e a cena cômica *Uma viagem reta por linhas tortas* (SALLES, 2000).

A última notável contribuição de Penante para o Beneficente e as artes cênicas em Manaus foram

em novembro de 1886. O ator providenciou a pintura, ou confeccionou ele mesmo, o arco do proscênio (bambolina), um novo pano de boca, novos cenários e talvez mais, pois matérias de jornal davam conta de “grandes reformas”, pelas quais o teatro tem passado, tudo para o “generoso acolhimento do benévolo público desta capital”.

CONCLUSÃO

Apesar da forte presença de Penante na cena teatral do século XIX, é visível nos estudos publicados sobre a história do teatro brasileiro que o artista não foi considerado relevante no que diz respeito à trajetória percorrida pelos grandes encenadores, dramaturgos e artistas de teatro do século XIX. No entanto, sua presença massiva em cidades do Norte e do Nordeste faz com que tomemos como necessária a reconstituição dos seus passos nesse período.

Além de ter sido pioneiro nas artes cênicas no Amazonas, ele esteve em outras cidades, participando da fundação de companhias e na construção de teatros. Por inúmeras vezes, Penante foi citado nos periódicos como o “dedicado artista, o incansável amigo das artes, o esforçado;”, entre outros adjetivos que sugeriram uma pejoração por parte dos enunciadores.

Sua luta para continuar mastrandoseuofícioartístico era o que o aproximava da apreciação do público, embora suas obras fossem consideradas, de certa forma, mambembes, ele estava em cena levando para as populações o divertimento e a crítica social através da arte. Foi um artista fundamental, entre o Norte e o Nordeste, promovendo espetáculos em benefício dos grupos que se manifestavam a favor da abolição da escravidão, como também emprestando o teatro que estava sob sua responsabilidade para reuniões com estes propósitos.

Penante tinha conhecimento das críticas que recebia. Talvez, por isso, se posicionasse com certa humildade, beirando a autodepreciação, em relação ao seu trabalho como dramaturgo. Como é possível observar em dois momentos: no prefácio da obra *Scenas Cômicas*, onde o autor diz: “Aí vão minhas fracas produções, filhas só da força de vontade, correr o mundo [...]”.

Por ser o próprio empresário da sua companhia, Penante tinha liberdade para tratar dos assuntos

que julgava serem interessantes ao público, mas que também trouxesse de alguma forma a reflexão dos tempos atuais, sem ter a preocupação mercadológica como prioridade. Encenava por própria conta e risco as peças que ele mesmo escrevia, com elementos do teatro romântico do início do século XIX, agregados ao realismo e seus temas cotidianos e ao naturalismo com as sutis abordagens sobre as condições econômicas, políticas e sociais do Brasil. Fazia reflexões sobre a forma como eram interpretados os artistas cênicos na sua realidade Norte/Nordeste, da mesma maneira que os autores dos centros mais efervescentes do teatro faziam.

Mesmo sem possuir grandes recursos, Penante não media esforços para colocar em circulação suas criações artísticas. E, assim, vemos a trajetória de um artista que findou esquecido nos autos da história do teatro nacional, mas que deve ser lembrado na história do teatro nortista; não só pelos seus esforços e produções cênicas e dramatúrgicas, mas porque a realidade de Penante, há dois séculos atrás, é também a realidade de muitos artistas e grupos que batalham por reconhecimento dos seus trabalhos hoje, e que permanecem à margem das principais produções do país. Não por questões qualitativas, mas por um longo histórico de preconceito geográfico que reflete na forma como o artista nortista se enxerga e se apresenta para o restante do país.

Penante não era apenas um artista crítico, mas um cronista do seu tempo, que escrevia sobre a atualidade e que fornece à história registros da vida amazônica no século XIX, com a liberdade para criticar o *modus operandi* do Estado, dos hábitos e da forma de encarar o “progresso” nacional.

NOTAS

1. A irmã de Manuela, Carmela Lucci, também tomava parte do grupo artístico. Pontos altos da carreira de ambas incluem dupla digressão ao Rio, em 1858 no Teatro São Pedro de Alcântara, e em 1875, no Teatro São Januário; nesta última, com a presença de Xisto Bahia, tomou parte Lima Penante (SILVA, 1938).

2. *Ghigi*, drama de Francisco Gomes de Amorim. Poeta, dramaturgo e romancista português

que emigrou para o Brasil na década de 1840. Apresentado pela primeira vez em 1851, no Theatro de D. Maria II, em Portugal.

3. A menção a esta nota de censura é feita pelo *Jornal Amasonas*, em 1 de janeiro de 1870, no entanto a edição do dia 25 de dezembro do *Commercio do Amazonas*, citada pelo *Amasonas*, não foi localizada.

4. Em 1876, Penante publicou em Manaus mais uma coletânea de cenas, hoje desaparecida, em que figuram as mencionadas publicações avulsas em periódico: *Teatro de Lima Penante*, Typ. do *Commercio?*, 1876. Além das citadas, constaram neste volume as seguintes: *Viva a Câmara Municipal e o domingo dos caixeiros* (comédia em 2 atos), *Cri-cri* e *Os occarinistas* e eu (cenas cômicas).

5. Apesar da grafia *FFFF & RRRR*, é provável que este espetáculo seja, na verdade a revista escrita por Antonio Pedro Baptista Machado, autor português que se dedicou à escrita de diversos gêneros que vão do drama às operetas e revistas, conforme consta no livre *História do Teatro de Revista em Portugal* (REBELLO, 1984, p. 111).

REFERÊNCIA

FARIA, João Roberto. **Ideias teatrais: o século XIX no Brasil**. São Paulo, Perspectiva / Fapesp, 2001.

PÁSCOA, Márcio. **A Vida Musical em Manaus na Época da Borracha (1850-1910)**. Manaus: Imprensa Oficial do Estado/Funarte, 1997.

SALLES, Vicente. **O Teatro na vida de José de Lima Penante**. Belém: Micro-Publicações, 2000.

SILVA, Lafayette. **História do Teatro Brasileiro**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação, 1938.

PERIÓDICOS

A Semana Ilustrada (RJ) 1860-1869.

Amasonas (AM) 1860-1869, 1870-1879.

Correio de Manaós, (AM) 1860-1869.

Jornal do Amazonas (AM) 1870-1879, 1880-1889.

Jornal do Commercio (AM) 1910-1920.

Jornal do Rio Negro (AM) 1860-1869.

O Baixo Amazonas (AM) 1870-1879.

O Cathechista (AM) 1870-1879.

SOBRE A AUTORA

Thais Vasconcelos Franco de Sá Ávila é atriz, dramaturga e pesquisadora amazonense. É bacharela em Teatro pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA), com graduação sanduíche, com habilitação em Teatro, pela Appalachian State University, na cidade de Boone, na Carolina do Norte (EUA). Em 2019, concluiu o Mestrado em Letras e Artes (PPGLA/UEA). Atualmente é doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas pela UNIRIO (RJ). E-mail: thaiseventos3@gmail.com